

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
CAMPUS SOLEDADE
ESTÁGIO SUPERVISIONADO

ANDRÉ FELIPE FRAINER SILVA

CUSTOS DA PRODUÇÃO DE SOJA:
Um estudo na Propriedade do Evandro Roberto Koenig em Mormaço - RS

SOLEDADE

2015

ANDRÉ FELIPE FRAINER SILVA

CUSTOS DA PRODUÇÃO DE SOJA:

Um estudo na Propriedade do Evandro Roberto Koenig em Mormaço - RS

Estágio Supervisionado apresentado ao Curso de Administração da Universidade de Passo Fundo, campus Soledade, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Ms. Rosálvaro Ragnini

SOLEDADE

2015

ANDRÉ FELIPE FRAINER SILVA

CUSTOS DA PRODUÇÃO DE SOJA:

Um estudo na Propriedade do Evandro Roberto Koenig em Mormaço - RS

Estágio Supervisionado aprovado em ___ de _____ de _____, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração no curso de Administração da Universidade de Passo Fundo, campus Soledade, pela Banca Examinadora formada pelos professores:

Prof. Ms. Rosálvaro Ragnini
UPF – Orientador

Prof.
UPF

Prof.
UPF

SOLEDADE

2015

RESUMO

SILVA, André Felipe Frainer. **Custos da Produção de Soja: Um estudo na Propriedade do Evandro Roberto Koenig em Mormaço- RS.** Soledade, 2015. 52 f. Estágio Supervisionado (Curso de Administração). UPF, 2015.

Atualmente a agricultura vem sofrendo várias mudanças no decorrer dos tempos, tanto tecnológicas, quanto climáticas o que vem acarretando ao agricultor diversas transformações, e diferenciações da produção da soja. Podemos destacar na metodologia, alguns autores que se destacaram, para o processo desse trabalho, como por exemplo José Carlos Marion, Eliseu Martins, George Sebastiao Guerra Leone, e João Carlos Tedesco, como os mais importante para a realização metodológica do trabalho. O presente trabalho objetiva apurar o custo e o resultado de uma lavoura de soja safra 2014/2015, do Sr. Evandro Roberto Koenig. A pesquisa se vale de fonte documental e informações buscadas com o proprietário, avaliando assim os custos por etapa da cultura da soja. Os principais resultados mostram que a propriedade teve um custo total de R\$ 73.856,46, tendo uma produção de 71,50 sacas por hectares onde colheu 3181,75 sacas. Obteve um valor bruto de R\$ 203.632,00 com a comercialização da safra, assim deduzindo os gastos totais restando um lucro líquido de R\$ 125.092,00, significando uma quantidade de 43,92 sacas por hectares das 44,50 sacas colhidas.

Palavras- chaves: custos, soja, agricultura familiar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso criador, nosso pai que nos guiou nessa caminhada desde o principio da vida.

A minha esposa que esteve no meu lado o tempo todo me ajudando e me dando força para continuar, desde os dias de stress, e na àqueles momentos de uma simples palavras de compreensão, já resolveria a situação.

Não posso deixar de agradecer meus pais que me ajudaram, da melhor forma possível, pois sem eles não tinha conseguido chegar a ate o final. Agradecer também meu orientador o Prof. Rosálvaro “Kuki” que sem seus conhecimentos acadêmicos e seus esforços em me ajudar, e transmitindo todo a sua orientação não tinha conseguido finalizar o trabalho.

Aos meu amigos e colegas que me ajudaram ajudarão, cada um da sua forma e amplitude conhecimento.

Ao Sr. Evandro Roberto Koenig e seu irmão Renato Carlos Koenig, que disponibilizarão do seu tempo, e sua paciência para me auxiliando com duas anotações e conhecimentos que tem de agricultura e plantio de soja, e me forneceram o máximo de dados possíveis pra o desenvolvimento do trabalha acadêmico.

Aos professores da Universidade de Passo Fundo por ter agregado conhecimentos e valores dentro das salas de aulas, pela compreensão e dedicação de todos, dando o seu companheirismo.

Desta forma a todos o meu muito obrigado por estar ao meu lado, nas horas que mais precisei de ajuda.

Muito Obrigado!

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1 - Taxas de depreciação permitidas pela receita federal	30
QUADRO 2 - Coeficiente a aplicação sobre a depreciação normal para cálculo da acelerada	30
QUADRO 3 - Relação de bens móveis e imóveis da propriedade	39
QUADRO 4 - Descrição das benfeitorias.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
QUADRO 5 - Apresentação dos custos com mão de obra em cada etapa da lavoura de soja.	40
QUADRO 6 - Custos das matérias-primas na quantidade de 44,5 hectares.....	44
QUADRO 7 - Custo em combustíveis para a lavoura de soja.....	44
QUADRO 8 - Demais gastos que incidentes em uma lavoura de soja.	45
QUADRO 9 - Resumo dos custos incidentes em uma lavoura de soja safra 2014/2015	46
QUADRO 10 - Quantidade colhida e resultado.	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ASSUNTO.	9
1.2	OBJETIVOS	10
1.2.1	Objetivo geral do estudo:	10
1.2.2	Objetivos específicos:	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1	AGRICULTURA	11
2.2	AGRICULTURA FAMILIAR	12
2.3	CARACTERÍSTICAS DA AGRICULTURA	12
2.4	OPERAÇÕES AGRÍCOLAS	13
2.5	MANEJO E CONSERVAÇÃO DO SOLO	14
2.6	ADUBAÇÃO, CALAGEM E INCULÇÃO.....	15
2.7	CICLO DA CULTURA	15
2.8	CULTURA PERMANENTE	16
2.9	CULTURA TEMPORÁRIA	17
2.10	CULTURA DA SOJA.....	17
2.11	ADMINISTRAÇÃO RURAL.....	18
2.12	CONTABILIDADE RURAL.....	18
2.13	ADMINISTRAÇÃO DE CUSTOS	19
2.14	SISTEMA DE CUSTO.....	19
2.15	TERMINOLOGIAS EM CUSTO	20
2.15.1	Gasto	20
2.15.2	Desembolso	21
2.15.3	Perda	21
2.15.4	Despesas	22
2.15.5	Custo	22
2.15.6	Investimento	23
2.15.7	Ganho	23

2.15.8	Custo x Despesas	24
2.16	CLASSIFICAÇÃO DO CUSTO	24
2.16.1	Custos Diretos	25
2.16.2	Custos indiretos	25
2.16.3	Custos Fixos	26
2.16.4	Custos Variáveis	26
2.17	MÉTODO DE CUSTEIO	28
2.17.1	Custeio Direto ou Variável.....	28
2.17.2	Depreciação	29
2.17.3	Cálculo do Ponto de Equilíbrio	30
2.18	RENTABILIDADE	31
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	33
3.2	VARIAVEIS DE ESTUDO.....	34
3.3	UNIVERSOS DE PESQUISA	35
3.4	PROCEDIMENTOS E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS.....	36
3.5	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	37
4	APRESENTAÇÃO DOS DADOS	38
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADE	38
4.2	COLETA DE DADOS	39
4.2.1	Maquinários	39
4.2.2	Recursos Humanos	39
4.3	ETAPAS PARA A ELABORAÇÃO DA LAVOURA DE SOJA EM ESTUDO	41
4.3.1	Custos das matérias - Primas envolvidos em cada etapa	43
4.3.2	Custos com combustíveis	44
4.3.3	Outros gastos envolvidos a lavoura de soja.....	45
4.3.4	Resumo dos custos da lavoura.....	45
4.3.5	Quantidade colhida e apuração do lucro líquido da Safra 2014/2015 da lavoura de soja.	46
4.4	SUGESTÕES PARA A PRODUÇÃO DE SOJA NA PROPRIEDADE.....	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

A agricultura vem fazendo grandes descobertas em relação ao desenvolvimento científico que transformam o perfil de toda a economia, e cada vez mais vem crescendo o número de agricultores que buscam se profissionalizarem para que se mantiver na área primária da agricultura, pois são umas atividades onde só realmente os competitivos sobrevivem e mudanças. Essas mudanças provocadas pelo desenvolvimento, junto com a revolução tecnológica, se centralizarão na propriedade rural.

Para o agricultor familiar parece evidente que suas estratégias de produção, em grande parte, ainda se baseiam na valorização dos recursos internamente no estabelecimento familiar, e assegura a sobrevivência da família para o futuro. De certa forma os agricultores enfrentam novos desafios todos os dias, desafios que de certa forma tende se a usar de armas que possuem e que aprenderam a usar ao longo do tempo. (TEDESCO, 2001, p.35).

Na atividade agrícola a receita se concentra durante o longo do tempo após a colheita, período que se concentra a zona sazonal que quase sempre ao termino da colheita se encerra o ano agrícola. Empresas que em vez de comercializarem a produção, fazem a armazenagem da soja para assim no futuro obter o melhor preço. Não existe melhor momento se não após o término do período de plantio para medir o resultado do período, e assim obter de forma mais adequada na avaliação do desempenho da safra agrícola, e obter os custos da produção. (MARION, 2012, p. 4-5).

Já na função dos custos e na rentabilidade preocupa-se também com o controle e os fornecimentos de dados, para estabelecer o padrão ideal, quanto custou na realidade e quanto deveria custar, e se ter uma previsão real do orçamento lançado, isso analisando as avaliações para reduzir o custo da lavoura já orçado, por fim a rentabilidade esta voltada para as tomadas de decisões, onde se deve produzir e quando se deve vender para não ter prejuízo, isto tendo

em vista o quanto se deve cortar para aumentar a produtividade da soja e se o produto é rentável. (SANTOS, 2009, p.32).

O presente trabalho verifica a atual situação das lavouras de soja na propriedade do Sr. Evandro Roberto Koenig, a principal necessidade da rentabilidade da produção da soja e seus principais custos, desenvolvendo assim a administração de uma propriedade de cultivo de soja.

1.1 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ASSUNTO

A propriedade rural do Sr. Evandro Roberto Koenig trabalha no setor grão, está localizada no município de Mormaço, estado do Rio Grande do Sul, às margens da rodovia, trabalha com as culturas soja, trigo e aveia, possui maquinários que suprem suas necessidades, e uma propriedade rural familiar com mão de obra própria. Está no mercado há muitos anos, passou de geração para geração o aprendizado.

Atualmente, na propriedade, a tecnologia está presente no dia a dia, pois possibilita um maior aproveitamento da área cultivada, sendo que se ocupa com soja, aveia e trigo fazendo uma rotação de cultivares, na época certa. Assim busca-se entender, graças à utilização de máquinas mais completas com mais tecnologia e através de cultivares que possibilitam uma produção maior, como utilizar a variedade certa para cada época para o produtor não ficar em dúvida sobre o que plantar, e quais recursos tecnológicos utilizar na hora de sua escolha. Nos dias de hoje os custos da lavoura do Sr. Evandro Roberto Koenig é mais simples, com o que colheu e os gastos das lavouras, no final obtendo os valores brutos. O proprietário não apura detalhadamente a rentabilidade, e se sua lavoura obteve lucro ou prejuízo, manualmente não sabe o custo, e nem faz o rateio de máquinas, ou a depreciação, obtém simplesmente quanto colheu de soja nos 44,5 hectares.

O trabalho justifica-se, pois possibilita verificar como o administrador rural vê seus custos que norteiam as atividades agrícolas. Aumentando assim a competitividade entre as empresas, e suas tomadas de decisões em relação às diferentes e várias funções. Orientando assim o administrador rural, com o sistema de custos e benefício de sua lavoura frente os custos da cultura de soja.

Muitos agricultores vêm administrando suas propriedades rurais de forma inadequada, isso de gerações passadas, assim se preocupando com a falta de rentabilidade na sua lavoura,

acarretando diversas dificuldades na sua propriedade, fazendo com que os produtores se acomodem em relação aos custos de sua propriedade rural.

De acordo com Tedesco (2001. p.34), a presença dos agricultores familiares modernos tem sido percebida por alguns estudiosos como o resultado de uma ruptura profunda e definitiva em relação ao passado, e enfrentam novos desafios, com as mesmas coisas que possuem e que aprendem a usar no decorrer do tempo. Trata-se, de um personagem todo novo, distinto do seu ancestral camponês, gestado a partir dos interesses e do Estado.

Esse trabalho auxiliou o produtor rural na apuração de custos da sua produção, para que o mesmo obtenha melhor desenvolvimento da sua propriedade, levando em consideração as novas tecnologias para a produção de grãos, onde busca-se responder a seguinte pergunta: *“Qual o custo de produção da cultura da soja, na safra de 2014/2015 na propriedade do sr. Evandro Roberto Koenig?”*

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral do estudo:

Calcular o custo de produção da cultura soja, na safra de 2014/2015 do Sr. Evandro Roberto Koenig.

1.2.2 Objetivos específicos:

- Apurar os custos da produção de soja;
- Demonstrar a rentabilidade da produção de soja;
- Verificar e apresentar os resultados obtidos com a atividade;
- Apresentar sugestões de melhorias para o proprietário.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está estruturado em tópicos destinados a apresentação dos principais conceitos teóricos sobre o tema, assim como seus conceitos de agricultura, agricultura familiar assim como suas características e manejos para a cultura da soja, através de referencial teórico e o dia a dia da propriedade em estudo.

2.1 AGRICULTURA

As mudanças na economia afetaram o mercado nos últimos anos consideravelmente o setor. O mercado ficou mais competitivo, houve achatamento nos preços agrícolas reduzindo as margens de ganhos, o que provocou uma redução no número de produtores rurais na produção de soja pelo alto nível de ineficiência que o setor apresenta nos últimos anos. (TEDESCO, 2001)

De acordo com Santos e Marion (1996, p.43) entendem que “a agricultura é definida como arte de cultivar a terra”. Arte essa decorrente da ação do homem sobre o processo produtivo á procura de satisfação de suas necessidades.

Segundo Crepaldi (2011, p.1) nos últimos tempos, ocorreu no Brasil uma grande industrialização, do que resultou um aumento da população das cidades e redução da população rural. Apesar disso, a agricultura continua desempenhando papel fundamental no desenvolvimento do país. Também aliado a esse aspecto, o campo enfrenta uma série de dificuldade na hora de seu crédito, a falta de seguro agrícola, e os aumentos nos insumos, as variações nos produtos, e as importações sendo na maioria subsidiadas, que garantem a geração de empregos nos países que decidiram adotar essa prática.

2.2 AGRICULTURA FAMILIAR

Segundo Tedesco (2001, 21-22-23) ao mesmo tempo em que o proprietário por meio de sua produção, assume o trabalho para buscar novas informações, por meio de outros métodos de comunicação, para assim diminuir os custos ou obter uma nova fonte de renda em suas propriedades rurais, aonde o ponto de partida é aquele em que o proprietário assume o trabalho no estabelecimento produtivo, e que esse caráter não é um simples detalhe, mas sim uma estrutura produtiva associada à agricultura familiar. Fala-se de um personagem diferente, que teria assumido uma condição de produtor moderno, as quais a abrigam a realidade e a modificações importantes em sua forma de produzir a soja.

2.3 CARACTERÍSTICAS DA AGRICULTURA

Para Crepaldi (2011, p.9-11), o setor agrícola apresenta algumas características, que diferencia dos demais setores da economia, algumas dessas características são citadas no setor da administração rural, mas convém que sua existência torna-se adequada dos princípios gerais de administração utilizada no setor urbano rural.

Para Crepaldi (2011, p.11), as características peculiares do setor agrícola, são conforme:

- **DEPENDÊNCIA DO CLIMA.** O clima na maioria das explorações agropecuárias determina a época de plantio, tratamentos culturais, colheitas, escolha de variedades e espécies, vegetais e animais.
- **CORRELAÇÃO TEMPO DE PRODUÇÃO VERSUS TEMPO DE TRABALHO.** O processo produtivo agropecuário desenvolve-se, em algumas de suas fases como o setor da economia, a indústria, por exemplo, somente o trabalho modifica a produção de determinado bem, isto deverá ser favoravelmente levado em conta.
- **DEPENDÊNCIA DE CONDIÇÕES BIOLÓGICAS.** A produção agropecuária está intimamente relacionada à condição biológica. As condições determinam também a irreversibilidade do ciclo produtivo.

- TERRA COMO PARTICIPANTE DA PRODUÇÃO. A terra não é apenas um suporte para o estabelecimento de atividades produtivas, mas participa diretamente do ciclo produtivo. Assim, suas condições químicas, físicas, biológicas e topográficas.
- ESTACIONALIDADE DA PRODUÇÃO. No setor agrícola, normalmente, não existe um fluxo contínuo de produção, as atividades estão dispersas por toda a empresa, podendo ocorrer em locais distantes um do outro.
- INCIDÊNCIA DE RISCOS. Toda e qualquer atividade econômica está sujeita a riscos, que assumem maiores proporções na hora da decisão do plantio, pois podem ser afetadas por problemas causados pelo clima, pelo ataque de pragas e pelas flutuações dos preços de seus produtos.
- ALTO CUSTO DE SAÍDA E/OU ENTRADA. No negócio agrícola, algumas explorações exigem altos investimentos em benfeitorias e máquinas e equipamentos agrícolas, com o uso de tecnologia ajudando o produtor rural.

2.4 OPERAÇÕES AGRÍCOLAS

Conforme Santos e Marion (1996, p.21-22) as operações agrícolas são todas as fases do processo produtivo, que se adequa de acordo com o tipo de cultura, trazendo diversos benefícios administrativos, na programação e distribuição das tarefas do pessoal e máquinas, possibilita medir o desempenho e comportamento e comparar com outras áreas de plantio, identificando os custos das operações.

Com as etapas dessas operações podemos destacar de acordo com Santos e Marion (1996, p. 22):

- a) Preparo do Solo/Calagem: Destaca-se, limpeza, roçada, correção do solo, gradeação, subsolagem, aração, conservação do solo, sistematização de solo e drenagem.
- b) plantio/Adubação: Entende-se a, adubação, alinhamento, marcação, confecção de canteiro, distribuição de mudas, seleção, desinfecção de muda, coleta de estaca, adubação básica, plantio, semeadura, replantio, transplante, embalagem de muda e transporte de mudas e sementes.

- c) Adubação: Adubação de covas, adubação de solo, adubação foliar e cobertura.
- d) Tratamento Fitossanitário: Controle de formiga, tratamento do solo, de semente, fitossanitário e transporte de água.
- e) Irrigação: Água, irrigação e transporte de água.
- f) Cultivo Manual: Coroamento, capita, roçado e limpeza.
- g) Cultivo Mecânico: Gradeação, roçada mecânica, aração e limpeza mecânica.
- h) Cultivo Químico: Aplicação de herbicida.
- i) Colheita: distribuição de caixa, colheita, transporte até o ponto de carga, carregamento de caminhão e transporte da produção até os silos ou até a indústria para os produtos perecíveis.

2.5 MANEJO E CONSERVAÇÃO DO SOLO

O manejo do solo é compatível com o ciclo climático em nossa região, e um fator indispensável na hora do processo de degradação do solo. O plantio direto funciona e aumenta o tempo de uso do solo, e fica com um sistema de manejo com maior potencial para atender os objetivos. Além de ser mais eficaz para o controle de erosão e de ser mais econômico, o sistema plantio direto contribui de forma decisiva para a melhoria dos aspectos físicos, e biológicos do solo. É importante que o produtor conheça técnicas de uso sustentável do solo de baixo custo que possibilite o aumento da produção. (EMBRAPA, 2014).

De acordo com Costa (1996, p.37) “antes do preparo do solo deverão ser adotadas práticas conservacionistas adequadas à topografia do terreno, para que essa prática sejam executadas corretamente, é indispensável consultar um técnico”.

Na conservação do solo aliada à produção, visando à rentabilidade da soja, com a adoção de boas práticas de manejo do solo, notamos que devem obedecer a um planejamento de um sistema de rotação de culturas devem atender aos aspectos técnicos, que tem por objetivo a conservação do solo. Com isso o passar dos anos, o manejo do solo traz ganhos econômicos para o produtor rural. (EMBRAPA, 2012).

2.6 ADUBAÇÃO, CALAGEM E INCULÇÃO

As recomendações de adubação, calagem e inclusão dependem do tipo de análise de solo. As recomendações de calagem variam conforme o Ph, e as características particulares de cada espécie a ser cultivada ou das condições de manejo está sendo submetido. No sistema e plantio convencional, se deve ser plantado a uma profundidade de 17 cm a 20 cm. As quantidades de fertilizantes fosfatados e potássios a aplicar variam em função das teorias desses nutrientes no solo. As recomendadas foram calculadas em função da resposta da cultura a adubação, visando em curto prazo, ou seja, obter o Máximo de cada cultivo. A adubação de sistema em plantio de soja se preocupa se com a as diferentes épocas de semeadura e os riscos climáticos que pode ocorrer na época do plantio, principalmente no plantio direto, onde o risco e maior. (EMBRAPA, 2009).

De acordo com Costa (1996, p.63) e um sistema utilizado para correção do solo, dependendo da proporção estabelecida localmente, dado para a utilização de corretivos da acidez como de fertilizantes, mas a análise de solo e um instrumento muito eficaz que ajuda o agricultor a selecionar a quantidade de insumos necessários. Já no caso da calagem se prevê uma análise de solo a cada 5 anos dependendo da circunstancias do local.

A prática da adubação possibilita tornar o solo mais fértil e, conseqüentemente, mais produtivo. A tecnologia consiste no plantio de espécies leguminosas capazes de reciclar os nutrientes em conjunto com culturas de interesse comercial. Essas leguminosas são capazes de se associar a bactérias presentes no solo e transformar o nitrogênio do ar em compostos nitrogenados, reduzindo ou eliminando o uso de fertilizantes minerais nitrogenados, isso facilita a produção da soja. (EMBRAPA, 2013).

Já Santos e Marion (1996, p. 22) “Adubação de cova ou sulco, adubação de solo, adubação foliar e cobertura”.

2.7 CICLO DA CULTURA

Conforme Santos e Marion (1996, p.22), o ciclo da cultura tem como principal característica o tempo produtivo efetivo da planta, contar à data que se coloca a semente no solo ate a data de colheita do produto. Com base no ciclo da cultura definiremos o acumulo e a apresentação dos custos.

A ciência agrônomo define como culturas temporárias, semipermanentes e permanentes, e podemos destacar conforme Santos e Marion (1996, p.22), Santos (2009, p.14).

- Culturas Temporárias: São cultivos que tem como ciclo o tempo de um ano, e se caracteriza somente por uma colheita.
- Culturas Semipermanentes: São cultivos de produção que se destaca pelo menos dez anos, entre o plantio e a última colheita.
- Culturas Permanentes: São cultivos de produção em longo prazo, considerando o tempo necessário para a formação, e manutenção da planta e a colheita.
- Coeficientes Técnicos: São índices que determinam o tempo, necessário para realizar certa operação, em um hectare, expressa em hora homem, hora máquina, quantidade de insumos consumidos, etc.

2.8 CULTURA PERMANENTE

De acordo com Marion (2012, p.18) são aquelas que esta vinculada ao solo e proporciona mais de uma produção, que são atribuídos no mínimo quatro anos, basta apenas a cultura durar mais de um ano e proporcionar mais de um colheita para ser chamado de permanentes. A cultura permanente, os custos necessários pra formação será considerado Ativo Não Circulante – Imobilizado. Seus principais custos e a adubação, formicidas, forragem, fungicidas, herbicidas, mão de obra, encargos sociais, manutenção, entre outros.

Já Crepaldi (2011, p. 108) e aquelas que não estão sujeitas ao replantio após a colheita, após a formação da cultura, que pode levar a vários anos, transferindo o saldo acumulados da conta Cultura Permanente em formação para a conta cultura permanente formada, que são os recursos posteriores aplicadas, para aumentar a vida útil e melhorar sua produtividade.

Marion (2010, p. 170) “os dispêndios com sementes e mudas selecionadas não podem ser considerados como despesas e custos, devendo ser classificados no Ativo Circulante – Permanente e ser depreciado em quotas com a vida útil de cada cultura”.

2.9 CULTURA TEMPORÁRIA

Marion (1996, p.44) “são cultivos cujo e de máximo 1 (um) ano e se caracteriza somente por uma colheita, por exemplo: soja, trigo, arroz, tomate, maracujá e outros”.

Conforme Crepaldi (2011, p.106) os custos da cultura temporária serão contabilizados em uma conta de Ativo Circulante esse custo podem ser citados como: sementes, fertilizantes e não de obra. Acumulado até o termino da colheita da soja. Após o termino da colheita o saldo da conta Culturas Temporárias será transferido para a conta Produtos Agrícola, na qual fica disposta á venda.

Já Marion (2012, p.17) e aquela que esta sujeita ao replantio após a colheita, normalmente, o período de vida e curto, após a colheita é arrancada do solo para ser realizados um novo plantio, um grande exemplo disso e a soja. Que são contabilizados no Ativo Circulante, como se fosse um estoque em andamento.

2.10 CULTURA DA SOJA

A soja, talvez a leguminosa mais útil, e a rainha da leguminosa, que se originou no clima quente e chuvoso, na região sudoeste asiático. (GOMES, 1976, p.09).

Segundo Costa (1996, p.13) a soja pertence à família de leguminosa e tem aproximadamente, 650 gêneros e 18.000 tipos de espécies. Tornou-se conhecida na Europa no século XVII, quando foi plantada pela primeira vez no jardim botânico de Paris. Provavelmente, se originou na China, nas regiões Norte.

São as enormes as variadíssimas as finalidades da soja, mesmo não levando em conta as indústrias alimentícias. O engenheiro agrônomo Gustavo Dutra, um dos pioneiros da agricultura brasileira foi o introdutor da soja no Brasil. Plantou na Bahia em 1882. A soja por sua vez tem outra finalidade, entre elas a conservação do solo contra a erosão. Naturalmente a soja será preferida quando se tratar de consorciar a extraordinária e leguminosa. Quem foi uns dos pioneiros da agricultura brasileira, que introduziu a soja no Brasil foi o engenheiro agrônomo Gustavo Dutra, plantou na Bahia em 1882. Não dando muita atenção sendo passado despercebido. Já em 1928, introduziram 60 variedades de soja no município de Santa Rosa. No mesmo município, posteriormente construíram a primeira fábrica brasileira destinada a extrair-lhe o óleo da soja. (GOMES, 1976, p.148-149).

2.11 ADMINISTRAÇÃO RURAL

De acordo com Marion (1996, p.20) mudanças significativas ocorrendo com uma velocidade acelerada em nossa produção da soja, o produtor tem os melhores índices de mecanização, utilizando insumos químicos e indicadores gerais de produtividade, sendo a administração rural a mais importante em termos de produção.

Segundo Antunes (1999, p.49) o conceito de administração rural está dentro da necessidade de controlar e gerenciar, um número de atividade cada vez maior, e assim sendo desenvolvida dentro da propriedade rural.

Já Silva (2013, p.29) a administração rural utiliza funções administrativas para obter a eficiência de resultados de compensa a condução de uma empresa rural, que se tratam basicamente as relações entre os fatores de produção buscando assim mais lucratividade dos diversos fatores de produção.

De acordo com Antunes (1996, p.15) qualquer tipo de ação tomada pelo administrador rural, de uma propriedade no sentido de controlar algumas coisas, vem sendo considerado importante na atividade ligada. Os custos de produção, e todas as despesas devem ser controlados com exatidão, pois enquanto que estamos investindo para produzir, dentro das atividades produtivas desenvolvidas.

2.12 CONTABILIDADE RURAL

Segundo Crepaldi (2011, p.80-84) e Marion (2012, p.3) a importância da contabilidade rural em gerar informações para tomadas de decisões, para que aja sucesso, e deverá esta submetida a uma administração eficiente. A contabilidade rural e uma e um dos principais sistemas de controle e informação da empresa rural, e fornece condições de expandir, sobre necessidade de reduzir custos e despesas, mas a principal finalidade e de planejamento. Podemos citar umas das finalidades da contabilidade rural a orientar as operações agrícolas e pecuárias, medir o desempenho econômico e financeiro da empresa e de cada atividade produtiva individualmente, controlar o patrimônio das entidades rurais. E por fim tem como objetivo controlar e planejar o patrimônio.

2.13 ADMINISTRAÇÃO DE CUSTOS

Podemos conceituar a administração como uma série de funções e atribuições que buscar simplesmente o objetivo final, o lucro, ou até mesmo administrar pelo menor custo, com uma produtividade grande para assim obter um melhor resultado. Esse objetivo muitas vezes vem representado em forma de dinheiro, tempo, de esforços, de matérias, de energia, e de ganhos materiais. (ANTUNES, 1999, p.47), (ANTUNES, 1996, p.13)

De acordo com Santos (2009, p.34) A administração conhece os resultados operacionais de cada atividade da empresa e, execute os acompanhamentos necessários para que esses resultados sejam analisados, avaliados e corrigidos. Necessariamente, os orçamentos implicam a utilização de técnicas contábeis, aplicados antecipadamente aos fatos decorrentes dos planos.

2.14 SISTEMA DE CUSTO

O sistema de custos é um conjunto de normas, fluxos, papéis, e rotinas, que representa com um conduto, que recolhe dados de diversos pontos e com base neles, são emitidos relatórios na outra extremidade. (MARTINS, 2010, p. 357).

Segundo Santos e Marion (1996, p.33-34) é um conjunto de procedimentos que são registrados de forma sistemática e continua o sistema de custos, e são efetivadas as remunerações dos fatos de produção empregados nos serviços rurais.

Os principais objetivos do sistema de custos, segundo Santos e Marion (1996, p.34):

- Auxiliar a administração e controlar a produção e revelando ao administrador as atividades de menores custos, e as mais lucrativas e as vantagens;
- Permitir uma correção de valores dentro dos estoques para a apuração dos resultados em cada cultivo;
- Oferecer uma base confiável dos resultados e auxiliar o processo de planejamento rural, principalmente quando o administrador deve plantar, ou até mesmo quando e onde plantar.
- Orientar os órgãos públicos a garantia de preço mínimo, e incentivo à produção de determinados produtos em escala desejada.

- Existe uma classificação do sistema de custo, de acordo com Santos (1996, p.33):
- Custos variáveis: são aqueles custos que variam em proporção direta com o volume de produção, ou pode variar de acordo com área de plantio, podemos dizer que um exemplo claro e os materiais diretos, ou seja, fertilizantes, sementes, ração.
- Custos fixos: são aqueles custos que se mantem inalterados em termos de valor, não importando o volume de produção, dentro de um intervalo de tempo.

2.15 TERMINOLOGIAS EM CUSTO

Entende que os usuários possam ter uma melhor compreensão da Contabilidade de Custos e despesas. Faz-se necessário estabelecer o significado de alguns termos usados frequentemente por ela. (CREPALDI, 2011, p.97).

Sem que tenhamos nem uma pretensão de resolver esse empasse da terminologia de custos, adotaremos a nomenclatura e a conceituação, principalmente por sua maior correção do ponto de vista técnico e contábil. (MARTINS, 2010, p.24).

De acordo com Megliorini (2001, p.7) para facilitar o entendimento da sistemática da terminologia de apuração de custos e necessário o entendimento dos principais termos utilizados como gastos, desembolsos, perdas, despesas, custos, investimentos, ganho, custo x despesas.

Para Martins (1996, p.24) não tenhamos nem uma pretensão de conseguir resolver a terminologia de custos, principalmente do ponto de vista técnico, conseguimos intender que existe dentro da terminologia os gastos, o desembolso, a perda, despesas e custo.

2.15.1 Gasto

De acordo com Perez Jr., Oliveira e Costa (2001, p.16) os gastos ocorrem o tempo todo dentro de uma empresa, não importando o setor. Na verdade gastos são bens e serviços obtidos por meio do desembolso imediato ou futuro pode citar a matéria-prima consumida no processo produtivo.

Já Marion (1996, p.34) o gasto é diretamente identificado como despesas, administrativas, financeiras, no período de pré-operacional. Quando é amortizado os gastos, esta ocorrerá a partir da primeira colheita.

Segundo Crepaldi (2011, p.98) são serviços prestados e adquiridos quando se concretiza na propriedade da empresa rural. Normalmente os gastos são aplicados no desembolso. É o sacrifício que a empresa arca para a obtenção de um bem ou serviço, representado por entrega ou promessa de entrega de ativos.

2.15.2 Desembolso

Desembolso pode ser saída de dinheiro do caixa ou do banco, também pode ocorrer no pagamento de uma compra efetuada avista, ou de uma obrigação. (PEREZ JR., OLIVEIRA, COSTA, 2001, p.15).

Segundo Crepaldi (2011, p.98) são pagamentos que resultam em aquisição de um bem ou serviço, que pode ocorrer mediante ao gasto, ou de uma compra a prazo.

Já Fontoura (2013, P.12) o desembolso é aquilo que se dá em troca de um serviço, de um pagamento de um bem ou serviço independentemente de quando o produto ou serviço foi consumido.

De acordo com Santos e Marion (1996, p.34) “É todo o dinheiro que sai do caixa (disponível) para um pagamento. Podemos também utilizar o termo desencaixe como sinônimo de desembolso”. Na verdade todo gasto é um desembolso e todo desembolso é um gasto pode citar nesse caso quitação de empréstimo bancário.

2.15.3 Perda

De acordo com Santos (2009, p.28) a perda identifica por não ter nenhum valor compensatório, é necessário tirar do ativo, quando houver um fato com a lavoura, ou seja, perdas extraordinárias.

Segundo Marion (2012, p.24) e quando ocorre de um fato provocado por perda de capacidade parcial e, em alguns casos, até totalmente, se for baixado do ativo circulante e considerado como perda do período, indo diretamente para o resultado do exercício, não importando as culturas formadas, ou em formação.

Já Crepaldi (2011, p.98) e um gasto não intencional de um fato que ocorreu externamente da atividade produtiva normal da empresa rural. As perdas são consideradas da mesma natureza, e são jogadas diretamente contra o resultado do período.

Para Santos e Marion (1996, p.35) “E um gasto involuntário, anormal, extraordinário”. Na verdade e bastante difícil prever quando e uma perda, que por sua vez pode ser anormal, mas geralmente, a perda reduz o Ativo, isso consequentemente do PL.

2.15.4 Despesas

Segundo Perez Jr., Oliveira e Costa (2001, p.16) as despesas são bens ou serviços consumido no processo de receitas, ou seja, todas as despesas estão diretamente ou indiretamente associadas à realização de receitas. As empresas têm despesas para gerar receita e para produzir bens ou serviços adquiridos.

Na medida em que uma despesa administrativa e lançado como despesa no período, tem que aparecer imediatamente no DR. Normalmente despesa e identificada com o mês ou o ano em que ocorreu. (MARION, 1996, p.58).

De acordo com Santos e Marion (1996, p.34) as despesas também podem ser subtraídas do bem vendido do ativo, pois esta provocando uma receita. Ainda podemos disser que o produto vendido também e considerado despesa, pois todos os gastos com a produção, por ocasião do bem produzido, são conhecidos como custo dos produtos vendidos.

Para Martins (1996, p.26) “bem ou serviço consumidos direta ou indiretamente para a obtenção de receita”. Nas despesas tem itens que reduzem o patrimônio líquido, que são todo o produto vendido ou toda a transferência que provoca despesa isso pode se chamar de custo do produto vendido, e assim aparecendo na demonstração de resultados.

2.15.5 Custo

Segundo Leone (2000, p.21) e apurado em todo o trabalho da contabilidade de custos, desde o planejamento da coleta e os dados ate prestação da informação gerencial de custos. E uma atividade que se assemelha a um centro de informações, que recebem dados, acumulados de forma organizados, tanto internos quando externo.

De acordo com Marion (1996, p.55) quando a matéria prima é adquirida e denominada o primeiro estágio do gasto, em seguida vai para o ativo, no mesmo instante que a matéria prima entra em produção, que se associa com outros gastos da produção, assim reconhecemos como custo. Por tanto na propriedade, identifica como custo todo o gasto.

Já Crepaldi (2011, p.98, 99) o custo são relacionados ao gasto relativo à bem ou serviço utilizado na produção rural, são todos os gastos relativos à atividade de produção, e podemos citar como exemplo os insumos utilizados no processo produtivo, e depreciação dos equipamentos agrícolas, gastos com manutenção das máquinas agrícolas, e o salário do pessoal da propriedade rural. Aonde os insumos agrícolas serão representados como um investimento e estarão ativados em uma conta de ativo circulante.

2.15.6 Investimento

Conforme Crepaldi (2011, p.98) os investimentos são todo o gasto com bem ou serviço ativado em função de sua vida útil e atribuídas a períodos futuros.

Segundo Santos (2009, p, 27) quando a um gasto que devesse trazer um benefício futuro para a empresa e considerado investimento, e deve ser classificado no ativo, para baixa ou amortização, quando da sua venda, de seu consumo, desvalorização ou desaparecimento.

Já Martins (2010, p.25) o investimento é um gasto em função de sua vida útil ou de benefícios atribuíveis a futuro do período. Pode ser de diversas naturezas, a matéria prima é um gasto contabilizado temporariamente como investimento circulante, já a máquina é um gasto que se transforma num investimento permanente.

2.15.7 Ganho

Segundo Santos e Marion (1996, p.35) o ganho é bastante aleatório, e um lucro que independe das atividades da empresa, o ganho aumenta o ativo e conseqüentemente o PL aumenta junto.

De acordo com Marion (1996, p.55) o ganho é bastante aleatório, pois é um lucro que independe da atividade operacional da empresa, e aumenta o seu ativo, que reflete no PL, diminuindo ou aumentando o lucro apurado na DR. Um exemplo neste caso é os ganhos monetários, venda de um imobilizado por valor acima do seu custo e outros.

2.15.8 Custo x Despesas

Já Santos (2009, p.29) o custo compõem os produtos que são gastos de atribuídos as unidades que foram produzidos, um deles são os custos primários e a matéria prima. A despesa está relacionada do consumo de bens, para obtenção de uma receita, e contribuem para a manutenção da atividade operacional da empresa.

Conforme Marion (2012, p.17) considera-se que custo da cultura são todos os gastos indireta ou diretamente com o produto, como sementes, adubos, mão de obra, combustíveis, depreciação de maquinas e equipamentos utilizados na cultura. Já a despesa do período entende-se como todos os gastos não identificáveis com a cultura, portanto acumulados no estoque, mas apropriados como despesas do período, como o caso das despesas de venda, despesas administrativas e despesas financeiras.

Segundo Crepaldi (2011, p.97) explica que os custos referem-se a gastos para produção de um bem ou execução de um serviço e as despesas são gastos incorridos para administrar a empresa e vender o serviço e são absorvidos completamente na apuração do resultado.

Já Santos e Marion (1996, p.37) quando de fala em custo e despesas e necessário tirar do ativo, pois isso proporciona mais beneficio para a empresa. Quando subtraímos o bem vendido do ativo de trata como despesa, pois esta envolvendo a receita.

2.16 CLASSIFICAÇÃO DO CUSTO

De acordo com Santos (2009, p.32) refere-se à identificação natural, daquilo que foi consumido na produção, e por isso a nomenclatura de custos muitas vezes e igual, ou ate mesmo semelhante para nomear bens e serviços.

Segundo Leone (2000, p.46-47) uma definição de classificação dos custos e aquela, que apresenta como sendo, o ramo da contabilidade que classifica e registra os custos correntes e futuros. E um conjunto de procedimento empregado para a determinação do custo de um produto e das várias atividades relacionadas à sua fabricação, e o planejamento do seu desempenho. A classificação dos custos da empresa, dos produtos, das operações, em diretos

e indiretos que se destina a fornecer informações para determinação do montante mais realístico do custo desse objeto.

Já Martins (2010, p.49) a classificação pode levar em consideração a relação entre o valor total de custo e o volume de atividade numa unidade de tempo, não se comparando com o período, esse fato é de extrema importância na prática, pois facilita a classificação dos custos.

De acordo com Perez Jr. e Oliveira e Costa (2001, p.19) a separação de custos e despesas é fundamental para apuração do custo da produção e para os bens e serviços. Além disso, eles podem ser classificados em fixos ou variáveis e diretos ou indiretos.

2.16.1 Custos Diretos

De acordo com Silva (2013, p. 55) “é aquela que podemos medir com precisão e que incide única e diretamente sobre uma determinada atividade”.

Já Marion (1996, p.61) o custo direto é uma precisão do produto acabado, através de um sistema e um método de medição, que se refere a horas de mão-de-obra, quilos de sementes, manutenção de tratores.

Segundo Perez Jr., e Oliveira e Costa (2001, p.23) são custos que podem ser identificados na quantificados no produto, que não necessitam de critérios de rateios para ser alocados, e facilmente identificados, na maioria das vezes podem ser mão-de-obra.

2.16.2 Custos indiretos

Já para Crepaldi (2011, p.100) o custo indireto tem um grau de dificuldade de medição e relevância. Depende de cálculos, que estimassem as propriedades em diferentes produtos agrícolas, assim o custo tem o parâmetro utilizado para que as estimativas sejam chamadas de base ou critério de rateio. Os custos indiretos são incorridos em todo processo de fabricação de bens ou de prestação de serviço, parem serem incorporados aos produtos, necessitando assim de alguns critérios de rateio.

Segundo Silva (2013, p.55) é aquela que precisa ser rateado em várias atividades, como por exemplo, o salário de um administrador que divide sua atividade em várias atividades que representa uma previsão para repor um depreciado.

De acordo com Marion (2012, p. 22) o custo indireto é voltado para acúmulos de cultura que será visto nessa conta, exclusivamente a depreciação dos bens utilizados, desde a preparação do solo até o plantio da soja. Havendo mais culturas na propriedade, deve ser rateados, conforme sua atribuição.

2.16.3 Custos Fixos

Já Perez Jr. e Oliveira e Costa (2001, p.20) o custo fixo permanece constante dentro de uma determinada capacidade, identificando o volume de produção ou alternando o volume de produção para mais ou para menos, e seu valor permanece constante dentro de sua produção.

Crepaldi (2011, p.101). Um aspecto importante de falar que o custo fixo não são eternamente fixo, não pode variar em função de grandes volumes de produção, cujo aquele podemos citar aluguel e impostos. O custo pode variar de valor no decorrer do tempo, um exemplo nesse caso é a depreciação de equipamentos agrícolas pelo modo linear. O aluguel do pasto, mesmo quando sofre reajuste em determinado mês, não deixa de ser considerado um custo fixo, uma vez que terá o mesmo valor qualquer que seja a produção do mês.

Segundo Leone (2000, p.71) esse custo se compara ao seu comportamento diante das quantidades produzidas e vendidas, isso quando o administrador adota o modelo constante ou linear, e o modelo fiscal de taxa fixa para a determinação periódica do valor da depreciação. Os custos fixos podem ser efetivos reais ou desembolsáveis.

2.16.4 Custos Variáveis

De acordo com Marion (1996, p.61) “São aquelas que variam em proporção direta com volume de produção ou área de plantio”.

Já Crepaldi (1998, p. 92), os custos variáveis ocorrem proporcionalmente ao volume produzido um exemplo desse método são os insumos e embalagens. Se não houver quantidade produzida o custo variável será zero. Os custos variáveis aumentam à medida em que aumenta a produção agrícola, outro exemplo disso é os insumos indiretos consumidos, depreciação dos equipamentos agrícolas, quando for feita em função das horas máquinas trabalhadas na produção agrícola e outros.

Segundo Perez Jr. e Oliveira e Costa (2001, p.22) o custo mantém relação direta com o volume de produção, desta maneira, os custos variáveis cresce na medida em que o volume de atividade aumenta, na maioria das vezes esse crescimento evolui com o volume produzido de grãos. O valor e por unidade, independe da quantidade produzida, e feita de forma direta.

Já Silva (2013, p.57) e representada em despesa direta decorrente do uso dos capitais circulantes de máquinas e benfeitorias, dos custos do capital fixo, isso de acordo com o volume de produção.

Portanto Santos e Marion (1996, p.65), quanto mais se produzem, maior será a utilização de bens de produção em quantidade e maiores serão também os custos variáveis decorrentes da utilização desses recursos. Um custo variável é o dinheiro gasto na compra de sementes, que poderá ser maior ou menor dependendo da quantidade utilizada por hectare, e em relação a que nível de produtividade espera-se alcançar.

Do ponto de vista de Santos e Marion (1996) ainda podemos definir outras expressões de custo:

- Custo Histórico: Trata-se de um dos princípios contábeis geralmente aceitos: custo histórico como base de valor.
- Custo Histórico Corrigido: São os custos históricos corrigidos por uma moeda forte, como o dólar. O objetivo é repor a perda do poder aquisitivo, corroído pela inflação.
- Custo de Reposição: É o valor atual de compra de um bem ou serviço no mercado, num determinado momento, para reposição de um componente do custo, como mão de obra, insumos, medicamentos, hora máquina. Sua aplicação se dá especialmente na formação do preço de venda.
- Custo Atribuído: É o custo considerado em registros contábeis e que não acarreta desembolso.
- Custo incremental: Diferença do custo total entre duas alternativas.
- Custo Standard ou Padrão: É a quantidade física e respectivo valor monetário determinado previamente através de um estudo minucioso dos insumos, mão de obra e operações necessárias para a fabricação ou produção de um determinado produto.

2.17 MÉTODO DE CUSTEIO

Custeio para Crepaldi (2011, p.213) e quando o procedimento para determinação do custo dos produtos vendidos em estoques, variando apenas de grau de absorção. O custo dos produtos rurais e formado pelos insumos agrícolas, mão-de-obra direta. Para calcular seu custo e conseqüentemente, apurar o resultado do exercício ou de determinado período. Ainda podemos dizer que existem outros dois métodos de custeio, o real e o padrão, e ainda podem ser custeio direto ou variável e o custeio por absorção ou integral.

2.17.1 Custeio Direto ou Variável

De acordo com Martins (1996, p.214) e o custeio mais conhecido, pois é essa forma de custeio que significa apropriação de todos os custeios, quer direto ou indireto. Os custeios direto ou variável, não nada mais que os custos variáveis, fixados e separados como despesas do período, indo ao resultado. Deve-se ser debitados ao custo do produto.

Já Leone (2000, p.390) o custo variável é aplicado em um sistema de acumulação de custos das operações, e tem como critério usar qualquer objeto de segmento da empresa. Esse sistema de custeio oferece ordem de produção, por um processo de responsabilidade, e varia com o parâmetro operacional que foi escolhido. O resultado apresentado pelo sistema sofre influência direta do volume de vendas. É um critério administrativo interno, sobretudo a gerenciar no processo planejamento e tomada de decisões.

Segundo Perez Jr., e Oliveira e Costa (2001, p.184) o sistema fundamentalmente faz a separação dos gastos em variáveis e fixos, em gastos que oscilam de acordo com o volume de produção, esses gastos devem ser aquelas que se registram contabilmente no sistema, na forma de planos de contas.

De acordo com Martins (1996, p.215) existem três etapas de custeio direto ou variável com um instrumento gerencial, a primeira é o custo variável, que existe independentemente da fabricação ou de não de determinado produto, o aumento da quantidade produzida, o custo variável pode ser encarado como encargos necessários para que a empresa tenha condições de produzir, já a segunda etapa por não estar vinculados a nem um produto específico, eles sempre são destruídos aos produtos por meio de critério de rateio que contem em maior ou menor grau de arbitrariedade, a terceira etapa, o valor do custo fixo a ser destruídos a cada

produto e do volume de produção depende do critério de rateio, além de qualquer decisão levada em conta à função de avaliação e da quantidade produzida.

2.17.2 Depreciação

De acordo com Marion (1996, p.33-34) normalmente é aplicado nas culturas permanentes, às árvores e todos os vegetais de menor porte empreendimento da própria empresa. Não há para implementos agrícolas a depreciação, exceto os tratores, que não 25% ao ano, ou seja, de acordo com o uso, as respectivas culturas ou projetos.

Já Santos e Marion (1996, p.82) diz a taxa de depreciação, só pode ser respondido por agrônomos, técnicos agrícolas, ou pelos próprios proprietários agricultores que conhecem a vida útil, que varia da função do tipo do solo, como clima e manutenção.

Segundo Silva (2013, p.57-58) a depreciação é o custo necessário para bens que se tornam inúteis pelo desgaste físico, ou quando perde o valor no decorrer dos anos, devido às evoluções tecnológicas. Vejamos os mais utilizados métodos de depreciação utilizados:

- Método linear: é uma aplicação de uma taxa anual que pode ser calculado ao se dividir o custo inicial pelos anos de duração, reduzindo pelo custo do valor presumido.
- Método dos números naturais: pode-se atribuir a depreciação mais nos primeiros anos de uso de maneira mais leves. Esse método tem algumas vantagens em relação aos outros métodos, que corresponde à depreciação de cada ano, isso e uma faz com que uma quantia seja amortizada, isso significa os anos de vida útil do bem de produção, e de quanto tempo ainda o bem terá pela frente.
- Método da reavaliação anual: esse método consiste em avaliar o bem a cada ano, não importando seu custo inicial, isso se baseia no valor de revenda.
- Método da porcentagem anual constante: é uma porcentagem determinada do valor residual do bem, esse método pode diminuir o real valor. A amortização perfeita nesse caso seria considerar tanto as unidades de uso quanto as unidades de tempo. Esse método pode distribuir a quantidade amortizada de vida útil do bem de capital.

No quadro 01 vamos observar a depreciação da vida útil, e taxa de depreciação nos bens da propriedade rural:

Item	Descrição	Vida útil em anos	Taxa anual de Depreciação %
01	Moveis e utensílios	10	10
02	Edifícios e Benfeitorias	25	04
03	Máquinas e Equipamentos	10	10
04	Computadores e Periféricos	05	20
05	Tratores	04	25
06	Veículos de Carga	04	25
07	Veículos de Passageiros	05	20
08	Caminhões	04	25

Quadro 1 - Taxas de Depreciação permitidas pela Receita Federal

Fonte: Receita Federal (2013)

Quando algum bem adquirido pela empresa não é novo, seu prazo de vida útil na empresa adquirente, para fins de cálculo de depreciação, será menor, isso quando o número de anos concebidos como vida útil é aquele que a necessidade de reparos é inferior aos ganhos que terá com ele. Se comprovar que os bens são utilizados por mais de um turno diário, tem-se a opção de calcular a depreciação acelerada, pela forma de turnos de oito horas e com coeficientes correspondentes aos turnos. (RECEITA Federal, 2013).

No quadro 02 vamos falar dos turnos e o coeficiente da depreciação:

Turno de 8 horas	Coeficiente
Um	1,00
Dois	1,50
Três	2,00

Quadro 2 - Coeficiente a aplicação sobre a depreciação normal para calculo da acelerada

Fonte: Receita Federal (2013)

2.17.3 Cálculo do Ponto de Equilíbrio

Segundo Martins (2010, p.257) o ponto de equilíbrio nasce no conjunto de custos e despesas totais com receita, numa economia de mercado, tem uma representação macroeconômica como um mercado como um todo. Cada unidade adicional tenderia a ser capaz de produzir menor receita, para uma empresa e relativamente estável para seu produto, já que sua receita total seja multiplicada com o número de unidades vendidas, isto e, o ponto onde inicia a rentabilidade da empresa (lucro). Simplesmente nossas visualizações e admitindo como absolutamente lineares, são representados tanto as receitas quanto dos custos

e despesas, isso podendo encontrar a faixa de prejuízo isso quando o administrador esta tendo mais custo e despesa do que receita, acima disso entra na faixa de lucro. Esse ponto e definido tanto em unidades quanto em reais.

De acordo com Crepaldi (2011, p.169) e quando a empresa rural atinge um volume de vendas que permite cobrir seus custos operacionais, sem lucro ou prejuízo. O ponto de equilíbrio tem custos e despesas que são fixos e outros que surgem no momento da vendam, isso pode gerar lucro me um momento.

Já Sanvicente (1987, p.193) umas das técnicas mais úteis no ponto de equilíbrio das operações e facilmente aplicada na quantidade de desempenho das empresas, como planejamentos de suas atividades. Entende-se que o ponto de equilíbrio e aquela que mede o novel de volume de produção, onde as receitas operacionais são iguais aos valores das despesas operacionais.

De acordo com Perez Jr, Oliveira e Costa (2001, p.191) o ponto de equilíbrio mais se refere ao nível de vendas que não a um lucro ou prejuízo, e sim gastos totais que são iguais às receitas totais. O ponto da reta da receita total corta a de gasto e o ponto de equilíbrio que devemos analisar, ou seja, a receita total vai ser sempre igual ao gasto total.

2.18 RENTABILIDADE

A importância de apurar os custos da rentabilidade na produção agrícola vem crescendo a cada dia. Não apenas como instrumento de gerenciamento e controle da produção, mas sim instrumento indispensável para uma apuração mais precisa de um resultado, na hora do fechamento dos custos financeiros. O produtor na hora de declarar seu de rendimentos, com a finalidade demonstrar para a Receita Federal, determina o custo dos bens e serviço vendido seja informado, por isso que deve ser anualmente informado. Sabemos ainda que o ponto de equilíbrio será obtido quando a soma das margens de contribuição e totalizar o montante suficiente para cobrir todos os custos e despesas fixos, esse ponto não haverá lucro e nem prejuízo. (LEONE, 2000, p.91).

De acordo com Sanvicente (1987, p.179) a rentabilidade de uma propriedade rural parte de algumas medidas de informações contábeis e financeiro, isso varia de acordo com o lucro obtido, possuindo algum diferencial a margem operacional líquida e um exemplo, junto com a margem líquida, retorno sobre capital dos acionistas, e retorno sobre o ativo operacional.

Já Leone (2010, p.14) preocupa-se em mostrar que a rentabilidade de Custos trabalha para uma entidade, e um ser qualquer, seja pessoa física ou jurídica, seja ate mesmo uma empresa. O objetivo principal de qualquer empresa e maximizar seus lucros. Nas outras entidades, a diferença entre receitas e gastos, despesas e custos são muito cuidadas, para que não aja um prejuízo na hora na contabilidade e do balanço.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho busca através de informações com o proprietário buscando referências bibliográficas para assim atender suas necessidades e também a do trabalho em questão, apresentar dados concretos através de notas fiscais e anotações manuais, mostrar a rentabilidade e as principais perspectivas do mercado para o futuro da soja e da propriedade em questão.

De acordo com Diehl e Tatim (2004, p.47), a metodologia pode ser definida como o estudo e avaliação dos diversos métodos com o propósito de identificar possibilidades e limitações no âmbito de sua aplicação do processo de pesquisa científica, e a escolha de melhor maneira de abordar determinados problemas. O método trata do conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma realidade específica, para desenvolver certos conhecimentos.

Já Marconi e Lakatos (2008, p.83) o método é um conjunto de atividades sistemática e racional, com maior segurança que permite alcançar o objetivo. Traçando o caminho e erros e auxiliando das decisões científicas.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Para este trabalho será necessário desenvolver duas partes distintas, uma de características teóricas e outra prática. Acompanhada de uma pesquisa descritiva e quantitativa onde será usado um estudo de caso para prática da mesma. A parte teórica será por meio de pesquisa bibliográfica, e registros manuais onde o Sr. Evandro Roberto Koenig faz por safra, por meio destes, apontamentos serão tomados, aprofundando assim o trabalho. Logo após será feita a organização e a redação do trabalho dos dados coletados, para assim

obter a melhor compreensão do texto escrito. A descrição da parte prática do trabalho será feito na propriedade do Sr. Evandro Roberto Koenig, onde será lavrado dado, através de um estudo de caso especialmente para a utilização no trabalho que será feito a análise dos mesmos.

De acordo com Diehl e Tatim (2004, p.50) caracteriza-se pelo uso da quantificação tanto na coleta quanto no tratamento de informações por meio de técnicas estáticas, desde as mais simples como as mais complexas. Tem como objetivo garantir o resultado e evitar distorções da análise, assim possibilitando uma margem de segurança.

Para Lakatos e Marconi (2011, p.285) o método quantitativa e uma descrição objetiva e sistemática, do conteúdo manifestado da comunicação. E ainda toda a informação numérica resultante de investigação. Deve ser representado por determinado universo de pesquisa, para que seus dados possam ser generalizados e projetados para aquele ambiente em questão.

Já Diehl e Tatim (2004, p.54) tem como seu principal objetivo a descrição de determinada população e fenômeno, ou até mesmo o estabelecimento de relações variáveis. São as inúmeras as classificações de pesquisa descritiva, em umas delas e a utilizações de técnicas padronizadas, de coleta de dados, tais como questionários e observações sistemáticas.

De acordo com Lakatos e Marconi (2008, p.189) e a procura dos efeitos e resultados de um método específico de atividades de serviço. A hipótese da descrição de não estar explicitamente declarada que derivam dos objetos do programa ou método que está sendo avaliado.

Para Diehl e Tatim (2004, p.60) o estudo de caso se caracteriza pelo aprofundado e exaustivos objetos, que permite seu amplo conhecimento. Atualmente tem a tarefa de investigação de fenômenos das mais diversas áreas do conhecimento, e ainda pode ser definido como um conjunto de dados que descreve ou totaliza o processo social em uma unidade, nas mais diversas relações internas.

Já Lakatos e Marconi (2011, p.276) o estudo de caso e o levantamento e a profundidade de determinado caso sobre todos os aspectos, entretanto se restringe ao estudo.

3.2 VARIÁVEIS DE ESTUDO

Para a realização deste trabalho será permitido indicar alternativas cabíveis, para a atividade de pesquisa, da soja transgênica e de seus insumos, sendo bem definida e limitada, sabendo desta maneira se a produção agrícola é viável ou não a propriedade, com pesquisa

documental do proprietário. E serão analisadas e apuradas as seguintes variáveis: a rentabilidade da produção da soja e o sistema de custos da produção.

Já Lakatos e Marconi (2008, p.139) a variáveis de estudo pode ser considerado como uma classificação ou medida, que sua quantidade varia, podemos dizer que é um conceito operacional que contém valores e aspectos ao proprietário de um objetivo estudado.

De acordo com Leone (2000, p.91-92) a importância da rentabilidade e apuração dos custos vem crescendo a cada dia, não apenas no gerenciamento e controle, mas sim no instrumento de apuração dos resultados, com a finalidade de determinar os custos dos bens e serviços.

Já para Sanvicente (1987, p.179) os índices de rentabilidade têm algumas cabíveis para determinar se está obtendo lucro a propriedade que é contábeis e financeiras, um exemplo disso é a margem operacional líquida que a obtenção de preços de venda superiores aos custos (de produção) necessários para efetuar os custos do produto junto aos serviços e consumidores oferecidos pela empresa.

Segundo Martins (1996, p.28) o sistema de custo é necessário para obtenção de dados para controle e decisão, além da importância da avaliação de estoques. O sistema é um conjunto de normas, fluxos, papéis e rotinas, que depende de apropriadamente de pessoas para tornar tudo isso cabível no nosso dia a dia.

Para Santos (2009, p.24-25) é um conjunto de procedimentos administrativos que registra e efetiva remuneração dos fatores produção empregados nos serviços rurais, de forma contínuo e sistemático. Ainda podemos dizer que o sistema de custos tem como objetivo auxiliar a administração na organização e controle da unidade de produção, relando as atividades de menor custo e as mais lucrativas junto com as vantagens das operações. Isso permite uma correta valorização dos estoques para apuração dos resultados obtidos em cada cultivo. Então podemos dizer que o sistema de custo consiste num conjunto de informações que proporciona ao administrador a tomada das decisões mais corretas e apontar eficiente e sistematicamente a existência de gastos não necessários que estejam reduzindo a lucratividade.

3.3 UNIVERSOS DE PESQUISA

A pesquisa, quanto à avaliação, é do tipo diagnóstico e será realizado em um único negócio neste caso a propriedade do Sr. Evandro Roberto Koenig, que serão extraídos de

dados primários, notas fiscais, recibos de despesas, receitas existentes na empresa, dados necessários para a pesquisa em questão, juntamente com seus registros manuais contábeis. O Universo de Pesquisa característica será o responsável pela administração geral do negocio desde processo.

Para Malheiros (2011, p. 71) o universo diz respeito a todo o público que são objeto de investigação, e precisa ser situado e analisado.

Já Lakatos e Marconi (2008, p.225) o universo e um conjunto de seres animados, que apresenta do mínimo uma característica em comum, sendo o numero total, de elementos do universo, ou ate mesmo representado pela letra maiúscula latina. O universo consiste em explicar que pessoas, ou fenômenos, serão pesquisados, considerando sua característica comum, aonde podemos citar sexo, faixa etária, comunidade que vivem. O problema então e escolher a parte de que tal forma seja representativa possível do todo, a partir de resultados obtidos.

A delimitação consiste em explicar que pessoas, fatos pesquisados devem ser restringidos em um âmbito de características comum um exemplo nesse caso à faixa etária e um bem comum. (MARCONI, 2001 p.49).

3.4 PROCEDIMENTOS E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Para o desenvolvimento da técnica de coleta de dados serão extraídos, notas fiscais, anotações pessoais do proprietário, recibos de despesas, receitas existentes na empresa e também pela observação de parte do processo de produção da mesma, buscando mostrar o mais correto possível, seus dados apresentados, para o melhor custo da lavoura, com uma pesquisa documental. Serão utilizados registros, ao qual serão feitos relatórios a partir de dados coletados manuais. Partindo do principio de que os dados serão transformados em informações para o uso na propriedade, com Pesquisa documental.

De Diehl e Tatim (2004, p.59) a pesquisa documental e semelhante à pesquisa bibliográfica, uma diferença entre as duas e que ambas e a natureza das fontes. Enquanto que a pesquisa bibliográfica se utiliza de diversas formas, a pesquisa documental vale-se de matérias que ainda não receberam tratamento analítico, ou ainda que não possa ser elaborados no trabalho descrito.

Já Lakatos (2008, p.176) a principal característica documental, e que a fonte de coleta de dados está restritos a documentos, escritos ou não, que são denominadas fontes primárias.

A pesquisa documental levanta todos os dados, que se certa forma e variadas fontes. E evidente que dados secundários, obtidos, não podem ser confundidos com documentos.

3.5 ANALÍSE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Como o método utilizado é a quantitativa, análise de dados sobre as informações coletadas mediante cálculo do ponto de equilíbrio e de índices para obter a real situação do negócio verificando-se sua rentabilidade da produção da soja. Após essa estruturação, poder-se-á perceber a rentabilidade do negocio e a possibilidade de agregação de valor a ele. Caracteriza-se pelo uso da coleta quanto no tratamento das informações por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples, como percentual, quanto a mais complexa, como, análise de regressão.

De acordo com Lakatos e Marconi (2011, p.93), significa redução de fenômenos sociológicos que permite comprovar as relações entre si. E fornecer uma descrição quantitativa da sociedade, considerando como um todo organizado.

Já Lakatos (2008, p.108) o processo estáticos permitem obter um conjuntos complexos, e representação simples e constatar se essas verificações têm relações entre si. Isso significa redução de fenômenos sociológicos, econômicos. O papel estático, antes de tudo, fornece uma descrição quantitativa da sociedade, considerando as relações de fenômenos entre si.

Segundo Diehl e Tatim (2004, p.82) existe a necessidade de analisar e organizar os dados coletados para que eles possam ser interpretados corretamente pelo pesquisador. Normalmente os dados quantitativos e submetida a análise estática, para que geralmente as medidas ocorram as seguintes estagio como análise uni-variada e análise multivariada.

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Este capítulo foi desenvolvido através de informações recebidas do Sr. Evandro Roberto Koenig, através do trabalho de pesquisa durante todo o período, através de coleta de dados, registros manuais e conversa com o Engenheiro agrônomo que acompanha a sua propriedade.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADE

Este trabalho refere-se a uma propriedade rural familiar localizada no município de Mormaço/RS, o produtor reside há 59 anos na atual propriedade, com seu irmão Renato Carlos Koenig. Na época seu pai possui certa de 80 hectares que cultivava grãos, já nos dias de hoje o mesmo possui certa de 800 hectares de cultivo de grãos.

Esta propriedade do Sr. Evandro Roberto Koenig de porte médio tem como sua principal fonte de renda o cultivo de grãos, onde são produzidos em destaque soja, aveia e trigo, no caso dos 44,50 hectares de soja, 15 hectares para trigo e 29,50 hectares para aveia. Possui também e 1 hectare onde esta localizada a casa e o galpão.

Nos dias de hoje a propriedade não trabalha com outras atividades para fins econômicos a não ser a soja, trigo e aveia. Na busca de melhorar os resultados, considerando as diversas mudanças que vem ocorrendo a toda horas em nosso mundo, como o avanço de cada vez maior de novas tecnologias, a empresa procura-se se aperfeiçoar e ter o máximo de informações que permitam novas técnicas de gestão da propriedade rural, na busca pela diminuição de custos e aumento significativo dos lucros, para assim poder-se manter consolidada no mercado não sofrendo impactos influenciados quando ocorrer crises econômicas na agricultura.

4.2 COLETA DE DADOS

4.2.1 Maquinários

Para o plantio da cultura da soja, foi utilizado maquinas e equipamentos de propriedade do produtor, onde possui serviços terceirizados que lhe da ajuda no plantio, nas passadas de venenos, e na colheita, onde e pago por dia de serviços prestados.

A colheita da lavoura do Sr. Evandro Roberto Koenig, e transportado ate a Cooperativa, onde o qual o produtor negocia a sua safra.

No presente momento a proprietario possui os seguintes bens móveis e imóveis, indispensáveis para a atividade agrícola, conforme Quadro 3.

Quantidade	Descrição de bens	Ano de aquisição
1	Trator J.D 6180	2013
1	Caminhão Mercedes Bem 1620	1997
1	Colheitadeira JD 1450	2004
1	Plantadeira Semeato SHM 27	2012
1	Pulverizador auto propelido power jet	2013
1	Maquina tratamento de semente Graz mec	2000

Quadro 3 - Relação de Bens Móveis e Imóveis da Propriedade

Fonte: Dados primários (2015)

4.2.2 Recursos Humanos

O produtor SR. Evandro Roberto Koenig e seu irmão trabalham junto na propriedade onde dividida os lucros, junto com os diaristas que fazem a ajuda na lavoura.

Para os diaristas é acertado o valor pelo serviço prestado. O valor para o plantio da cultura é de R\$ 150,00 por dia plantado. Para a aplicação de defensivos o produtor realiza o pagamento de R\$ 100,00 por dia na lavoura. Na colheita e transporte e feito pelo próprio proprietário, onde se se desloca ate a Cooperativa, como vejamos no quadro a baixo:

Descrição	Quantidade de diárias	Valor Unitário da diária	Valor Total
Total Tratamento de Semente			
Preparação do solo			
Tratorista	1	150,00	150,00
Tratorista	1	150,00	150,00
Total Preparação do Solo	2 dias		300,00
Tratamento da Semente			
Repositor	1	150,00	150,00
Maquinista	1	150,00	150,00
Total Tratamento de Semente	1 dia		300,00
Semeadura			
1 Tratorista	4	100,00	400,00
1 ajudante	4	80,00	320,00
Total da Semeadura	4 dias		720,00
1º Controle de Invasoras e Fisiológico e pragas			
Tratorista	1	100,00	100,00
Total do 1º Controle de Invasoras e Fisiológico e pragas	4 dias		400,00
2º Controle de Pragas			
Tratorista	1	100,00	100,00
Total 2º Controle de Pragas	2 dias		200,00
3º Controle de Pragas			
Tratorista	1	100,00	100,00
Total 3º Controle de Pragas	2		200,00
4º Controle de Pragas			
Tratorista	1	100,00	100,00
Total 4º Controle de Pragas	2		200,00
Colheita			
– Colheita	1	Colhedor 150,00	150,00
Total da colheita	7 dias		1.050,00
Total dos Custos em Mao de Obra			3.370,00

Quadro 5 - Apresentação dos custos com mão de obra em cada etapa da lavoura de soja.

Fonte: Dados primários

4.3 ETAPAS PARA A ELABORAÇÃO DA LAVOURA DE SOJA EM ESTUDO

A preparação da lavoura de soja envolveu diversas etapas, que são descritas a seguir:

a) Preparação do solo

Para a preparação do solo para o plantio da propriedade foi utilizado o trator J.D 6180 ano de 2013, e um pulverizador auto-propelido Power Jet ano de 2013. Utilizando esses maquinários para os controles de ervas daninhas ou gramíneas, Herbicida Roundup WG, em conjunto com o Clorimuron para controle de picão-preto, e corda de viola, Buva. Controle esse que foi feito dia 26 de outubro de 2014.

No dia 10 novembro de 2014 foi realizado a segunda aplicação com Herbicida Gramoxone para controle da ervas da daninha (Buva), para fins de controle de folha larga. Na mesma aplicação para dar melhor controle, foi utilizado novamente o Herbicida Roundup WG.

b) Tratamento da semente

Antes de realizar o plantio da soja, foi realizado o tratamento de semente no dia 12 novembro de 2014, com a Máquina de tratamento de semente Graz Mec ano de 2000, com o Inseticida Standack Top, onde auxilia e protege a planta contra ataque de pragas, e fungos na semente no período inicial e desenvolvimento da planta da soja, como por exemplo, larva alfinete, e doenças como Resotonia, já o Imidacloprid protege contra o Coro, junto com esses foi colocado o Carbenazim que protege contra podridão na semente e antracnose, e por fim colocado o NiCoMo dry serve para estímulo da planta e o enraizamento da soja. As cultivar utilizada neste ano foi a Semente Nidera 5959 Ipro na quantidade de 2886 kg de semente.

c) Semeadura

Para realizar o plantio, a propriedade conta com um Trator J.D 6180 ano de 2013, e uma Semeadora da Semeato ssm-27 ano de 2012, e para transporte do adubo e semente até a lavoura um Caminhão Mercedes Bem 1620, ano 1997. A semeadura na propriedade aconteceu entre os dias 23 de novembro de 2014 até o dia 28 de novembro de 2014. Para o plantio foi utilizado a Semente Nidera 5959 Ipro, o adubo 08 26 16 Micro Premium, fórmula que ajuda no desenvolvimento da soja, pois possui concentração de ureia, cloreto de potássio e fósforo e micro nutrientes. Para esta semeadura a quantidade de adubo utilizada foi de 13.350 kg.

d) 1º Controle de Invasores e Fisiológicos e Pragas

Nesta etapa da pesquisa, compreendida entre 19 de dezembro de 2014 a 24 de dezembro de 2014 a soja já está em fase de desenvolvimento e crescimento. Assim, é necessário utilizar os maquinários Trator e Pulverizador para o controle das doenças e infestações, onde foi utilizado Fungicida Opera que combate o controle, o Oídio e Ferrugem. Já o inseticida Battle faz a proteção contra manchas. Também foi utilizado o inseticida Premio que foi utilizado nesta aplicação tem a finalidade de proteção, pois da infestação de lagarta de vários estágios. Para melhor adsorção e funcionamento dos inseticidas e fungicidas foi utilizado o espelhante adesivo Break Thru.

e) 2º Controle de Pragas

Nesta época a soja esta fechando carreira, onde se aplicou um inseticida Nomolt para a prevenção de lagartas e o inseticida Clorpirifos para o controle e manego de fede-fede e percevejo, onde e comum nesta época, já na parte das doenças se aplicou o Fungicida Orkestra, produto que faz a proteção da ferrugem da soja, mancha, oídio, podridão, junto um Óleo Mineral Assist como adjuvante. Aplicação que ocorreu na época de 20 de janeiro de 2015 ate 22 de janeiro de 2015. Utilizando trator e pulverizador.

f) 3º Controle de Pragas

Por volta de 08 de fevereiro de 2015 ate dia 10 fevereiro de 2015, foi realizado mais uma aplicação de fungicida Fungicida Orkestra, fazendo a proteção de manchas, e ferrugem, e também um fungicida Tebuconazole que faz a proteção de oídio e mancha, junto com um óleo mineral Assist, adjuvante espelhante. Já nos inseticidas foi aplicado o inseticida Premio que faz o controle de lagartas, e o inseticida Acefato que combate dos fede-fede, e o percevejo.

g) 4º Controle de Pragas

Já por volta do dia 26 de fevereiro de 2015 ate o dia 28 de fevereiro de 2015, se fez a ultima aplicação antes da colheita, com um inseticida Bazuka controle de lagarta, e fungicida opera que faz o controle de manchas e oídio, junto com esses produtos um Acaricida Kraft para controle de Acaro do final do ciclo da soja.

h) Colheita

A propriedade iniciou a colheita no dia 15 de Março a 13 de Abril de 2015, utilizando a Colheitadeira JD, 1450 ano de 2004 para realizar a colheita e o Caminhão Mercedes Bem 1620, ano 1997 para o transporte dos grãos até a cooperativa.

4.3.1 Custos das matérias - Primas envolvidos em cada etapa

Nesta seção são apresentados os custos das materiais - primas que foram utilizados na lavoura, suas respectivas quantidades e custos para cada etapa necessária à elaboração de uma lavoura de soja da safra de 2014/2015.

Materiais	Quantidade	Valor Unitário (R\$)	Valor Total
Preparação do solo			
Herbicida Roundup WG	133 KG	25,74	3.423,42
Clorimuron	5 KG	120,00	600,00
Herbicida Gramoxone	89 LT	16,00	1.424,00
Total Preparação do Solo			5.447,42
Tratamento da Semente			
Inseticida Standack Top	7 LT	410,00	2.870,00
Imidacloprid	7 LT	78,00	546,00
Carbenazim	5 LT	13,38	66,90
Ni Co Mo dry	7 LT	90,00	630,00
Total do Trat. de semente			4.112,90
Semeadura			
Semente Nidera 5959 Ipro	2892 KG	8,67	25.073,64
Adubo 08 26 16 Micro Premium	13350 KG	61,00	16.287,00
Total Semeadura			41.360,64
1° Controle de Invasores e Fisiológicos e Pragas			
Fungicida Opera	22 LT	72,00	1.584,00
Inseticida Battle	18 LT	37,00	666,00
Inseticida Premio	2 LT	550,00	1.100,00
Espelhante adesivo Break Thru.	2 LT	88,00	176,00
Total 1° Controle de Invasores e Fisiológicos e Pragas			3.526,00
2° Controle de Pragas			
Inseticida Nomolt	5,500 LT	105,00	577,50
Inseticida Clorpirifos	55 LT	22,50	1.237,50
Fungicida Orkestra	13 LT	205,00	2.665,00
Óleo Mineral Assist	22 LT	10,00	220,00
Total 2° Controle de Pragas			4.700,00
3° Controle de Pragas			
Fungicida Orkestra		205,00	
Fungicida Tebuconazole	10 LT	55,00	550,00
Óleo mineral Assist,	22 LT	10,00	220,00
Inseticida Premio	2 LT	550,00	1.100,00
Inseticida Acefato	44,50 KG	25,00	1.112,50
Total 3° Controle de Pragas			2.982,50

Materiais	Quantidade	Valor Unitário (R\$)	Valor Total
4° Controle de Pragas			
Inseticida Bazuka	44 LT	17,40	765,60
Fungicida opera	29 LT	72,00	2.088,00
Acaricida Kraft	5 LT	54,00	270,00
Total 4° Controle de Pragas			3.123,60
Total dos custos em Materiais			65.253,06

Quadro 6 – Custos das matérias-primas na quantidade de 44,5 hectares

Fonte: Dados primários

O quadro 6 descreve detalhadamente cada etapa da lavoura de soja na propriedade, considerando as quantidades de matérias e valores unitários dos seus respectivos gastos.

Esses dados foram obtidos com a orientação de um engenheiro agrônomo por meio de valores de notas fiscais, e a notações do proprietário, com sua quantidade de cada produto na indicação.

O quadro 6 descreve detalhadamente cada situação das operações da lavoura de soja, e mostra que os maiores custos encontramos na adubação e na sementes, neste caso na operação semeadura. Depois se pode observar no que tange a custo com produtos químicos herbicidas, fungicidas e inseticidas, a etapa que apresenta maior custo é o 2° Controle de Pragas com valor de R\$ 4.700,00. E que a de menor valor foi a 3° Controle de Pragas com o valor de R\$ 2.982,50.

4.3.2 Custos com combustíveis

Nesta seção são apresentados os custos com combustíveis, para cada etapa da lavoura, descrição da quantidade de litros utilizados para a produção de soja.

Descrição	Quant. litros utilizados	Valor por litro de óleo R\$	Custo Total R\$
Preparação do solo	80 lt	2,56	204,80
Semeadura	680 lt	2,56	1.740,80
1 ° Controle de Invasoras e Fisiológico e pragas	50 lt	2,56	128,00
2° Controle de Pragas	50 lt	2,56	128,00
3° Controle de Pragas	50 lt	2,56	128,00
4° Controle de Pragas	50 lt	2,56	128,00
Colheita	655 lt	2,56	1.676,80
Total em Gastos com combustíveis			4.098,40

Quadro 7 - Custo em Combustíveis para a lavoura de soja.

Fonte: Dados primários

Conforme demonstrado acima no quadro 8 foi apurada a quantidade de litros de óleo necessários para cada etapa da lavoura de soja, com base nos registros fornecidos pelo proprietário Sr. Evandro Roberto Koenig. Multiplicando a quantidade pelo valor do litro do óleo apurou-se o valor total do gasto com combustíveis para cada etapa, do processo de produção até o término da colheita. Desta forma chegou-se a um valor total em óleo utilizado para realizar esta safra de soja em R\$ 4.098,40. Aonde destacamos a semeadura como umas as etapas que mais teve gastos no valor de R\$ 1.740,80, onde foi superado só pela colheita e entrega de soja na Cooperativa no valor de 1.676,80.

4.3.3 Outros gastos envolvidos a lavoura de soja

No quadro 8 serão apurados outros gastos que envolvem lavoura de soja.

Gasto	Valor R\$
ITR	25,00
INCRA	10,00
Manutenção de Equipamentos	800,00
Lubrificantes	300,00
Total com outros gastos	1.135,00

Quadro 8 - Demais gastos que incidem em uma lavoura de soja.

Fonte: Dados primários

O Quadro 8 descreve os gastos que incidem para esta safra sobre a lavoura de soja mencionado, muitos destes gastos não influenciam sobre os gastos em relação às operações de preparo do solo, plantio, controle de pragas e colheita que é o caso dos custos em ITR e INCRA, que são custos pagos mesmo que você não plante a lavoura, terá esse custo para pagar.

4.3.4 Resumo dos custos da lavoura

No item abaixo serão destacados os totais dos custos relacionados à cultura de soja na propriedade.

Descrição Total dos Custos	Valor (R\$)
Custos com mão de obra	3.370,00
Custos das matérias - Primas	65.253,06
Custos com combustíveis	4.098,40
Outros gastos envolvidos a lavoura de soja	1.135,00
TOTAL	73.856,46

Quadro 9 - Resumo dos custos incidentes em uma lavoura de soja safra 2014/2015

Fonte: Dados primários

O Quadro 9 faz um resumo de todos os custos apurados para realizar a lavoura de soja desde custo de matéria-prima, mão de obra, depreciação, combustíveis e outros gastos envolvidos na realização a lavoura apurando assim um total de custos para se realizar a safra de soja na propriedade, chegando a um total de R\$ 73.856,46 nos 44,50 hectares de soja.

4.3.5 Quantidade colhida e apuração do lucro líquido da Safra 2014/2015 da lavoura de soja.

No Quadro 10 será apresentada a quantidade colhida nesta safra de soja da lavoura do Sr. Evandro Roberto Koeng, também o valor médio de venda da saca de soja, subtraindo os custos e assim apresentando o resultado líquido da lavoura de soja.

Quantidade por Hectares	Quantidade em área plantada de 44,50 ha	Quantidade por hectare em reais	Quantidade por hectare em soja
71,5 sacas por Há	3181,75 SC		
Quantidade Total em Sacas	3181,75 SC		
Valor Médio da Saca de soja	64,00		
Valor Bruto	203.632,00	4.576,00	71,50 sacas
(-) Fundo Rural 2,3%	4.683,54	105,25	1,64 sacas
Valor Líquido	198.948,46	4.470,75	69,86 sacas
(-) Total dos Custos	73.856,46	1.659,70	25,93 sacas
(=) Lucro Líquido	125.092,00	2.811,06	43,92 sacas

Quadro 10 – Quantidade colhida e Resultado.

Fonte: Dados primários

No Quadro 10 foi apresentada a quantidade que foi colhida nos 44,50 hectares nesta safra de 2014/2015 na produção de soja, multiplica-se pelo valor que foi comercializado a produção neste ano desta forma apresentando o valor bruto, a partir daí descontou-se o Fundo Rural taxa de 2,3% e obteve-se então o valor líquido total.

A partir do momento que se obteve o valor líquido com a comercialização da safra então se subtraiu os custos que incidiram sobre a lavoura de soja, tendo então o valor líquido restante desta safra obtido para o proprietário.

4.4 SUGESTÕES PARA A PRODUÇÃO DE SOJA NA PROPRIEDADE.

Na agricultura são muitos os fatores que influenciam no resultado da safra de soja, fatores que podem oscilar o resultado da propriedade. Não adianta o produtor ter safra cheia, e não ter preço satisfatório na hora da venda da soja nas Cooperativas, por isso um dos fatores é o preço da soja, também podemos dizer o volume de chuvas que por sua vez faz muita diferença na hora do plantio e em todo desenvolvimento da planta, para assim chegar na hora da colheita e do balanço e obter uma safra satisfatória. Sugere-se ao proprietário algumas orientações para minimizar o efeito destes fatores sistemáticos:

- Ter uma conta bancária separado da pessoa física, para assim ter mais controle mais eficiente e econômico de sua propriedade.
- Procurar auxílio junto ao contabilista e ao agrônomo para utilizar os recursos de forma correta, pra assim minimizar os custos e a rentabilidade da propriedade.
- Acompanhar as variações dos valores de insumos, junto a várias empresas procurando a melhor época para a aquisição, analisando assim a viabilidade de estocagem ou não desses produtos.
- Sugere-se uma apuração mais rígida dos gastos com manutenção de equipamentos e gastos com combustíveis. O objetivo disto é obter um valor mais preciso dos custos da lavoura da soja.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realização do presente trabalho de pesquisa se deu mediante aplicação do objetivo geral do trabalho que e apurar o custo de produção da cultura soja, na safra de 2014/2015 do Sr. Evandro Roberto Koenig, de aspectos descritivos, qualitativos e quantitativos. Através de conceituações de autores e dos cálculos realizados na pesquisa, é notável que o agronegócio seja um setor muito rentável e possui grande importância na economia em âmbito nacional e mundial. O presente setor tem participação significativa no PIB do País, além de expressiva contribuição social, visto que gera muitos empregos direta e indiretamente.

O estudo demonstrou ser de grande utilidade à propriedade do Sr. Evandro Roberto Koenig, já que possibilitou conhecer os custos e o real resultado que a atividade da cultura da soja lhe oferece.

Conhecendo e analisando os custos da cultura da soja na propriedade, é possibilitado ao proprietário um melhor planejamento, avaliação e uma tomada de decisão mais segura. Deste modo o proprietário consegue manter-se competitivo no ramo, analisando o momento mais propício para adquirir seus insumos bem como a hora certa para vender sua produção.

O trabalho demonstrou ao proprietário a necessidade de se agregar conhecimento teórico ao seu conhecimento prático adquirido com o passar dos anos, para que o mesmo consiga através de informações apurarem o resultado da atividade desenvolvida.

Quanto aos objetivos a que o trabalho se propôs, entende-se que foram atingidos. Isto porque, mediante o referencial teórico calcado em livros, sites da internet e a coleta de dados junto ao proprietário foi possível determinar o custo da produção da soja na propriedade já especificada..

Apresentada as sugestões, concluiu-se que assim como qualquer outro setor ou atividade desenvolvido, é necessária para uma boa gestão da propriedade rural um sistema de apuração de custos, que possibilite um melhor controle e planejamento da mesma.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Luciano Medici; ENGEL, Arno. **Manual de administração rural: custos de produção**. 2. ed. Guaíba: agropecuária, 1996.

ANTUNES, Luciano Medici; ENGEL, Arno. **Manual de administração rural: custos de produção**. 3. ed. Guaíba: agropecuária, 1999.

CONSALTER, Maria Alice Soares. **Elaboração de projetos: da introdução à conclusão**. 3. ed. Curitiba: Ibplex, 2011.

CONSALTER, Maria Alice Soares. **Elaboração de projetos: da introdução à conclusão**. 3. ed. Curitiba: Ibplex, 2011.

COSTA, José Antônio. **Cultura da soja**. Porto Alegre, 1996.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade rural: uma abordagem decisorial**. 6. Ed. São Paulo: atlas, 2011.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade rural: uma abordagem decisorial**. 2ed. São Paulo: Atlas, 1998.

DIEHL, Astor Antônio, TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

EMBRAPA, **Agricultores, técnicos e estudantes conferem vantagens do uso conservacionista do solo**. 03 jun. 2014. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/web/portal/busca-de-noticias/-/noticia/2017954/agricultores-tecnicos-e-estudantes-conferem-vantagens-do-uso-conservacionista-do-solo>>. Acesso em: 30 Set. 2014.

EMBRAPA. **Adubação em sistema, riscos climáticos e cultivares de trigo são destaques em Dia de Campo**. 04 set. 2009, Disponível em: <<https://www.embrapa.br/web/portal/busca-de-noticias/-/noticia/1499187/adubacao-em-sistema-riscos-climaticos-e-cultivares-de-trigo-sao-destaques-em-dia-de-campo>>. Acesso em: 30 set. 2014.

EMBRAPA. **Agricultores fluminenses conhecem os benefícios da adubação verde**. 26 Agos. 2013. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/web/portal/busca-de-noticias/>>

/noticia/1498314/agricultores-fluminenses-conhecem-os-beneficios-da-adubacao-verde>. Acesso em: 02 nov. 2014.

EMBRAPA. **Manejo de solo adequado: aumento da produtividade e ganhos econômicos**. 27 jan. 2012. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/1461592/manejo-de-solo-adequado-aumento-da-produtividade-e-ganhos-economicos>>. Acesso em: 30 set. 2014.

FONTOURA, Fernando Batista Bandeira da. **Gestão de custos: uma visão integradora e prática dos métodos de custos**. São Paulo: Atlas, 2013.

GOMES, Pimentel. **A SOJA**. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1976.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: atlas, 2011.

LEONE, George Sebastião Guerra. **Curso de contabilidade de custo**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEONE, George Sebastião Guerra. **Custos: planejamento, implantação e controle**. 3.ed. São Paulo: atlas, 2000.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica: para o curso de direito**. 2 ed. São Paulo: atlas, 2001.

MARION, José Carlos. **Contabilidade e Controladoria em Agribusiness**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Rural**. 13. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de custos**. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de custos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MEGLIORINI, Evandir. **Custos**. São Paulo: Makron Books, 2001.

PEREZ JR., José Hernandez; OLIVEIRA, Luís Martins de; COSTA, Rogério Guedes. **Gestão estratégica de custos**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

RECEITA FEDERAL. **Bens relacionados na nomenclatura no MERCOSUL**. 31 dez. 1998. Disponível em:

<<http://www.receita.fazenda.gov.br/Legislacao/ins/Ant2001/1998/in16298ane1.htm>>. Acesso em: 12 out. 2014.

RECEITA FEDERAL. **Capítulo VIII - Lucro Operacional 2014**. 31 dez. 2013, Disponível em: <<http://www.receita.fazenda.gov.br/Legislacao/ins/Ant2001/1998/in16298ane1.htm>>. Acesso em: 12 out. 2014.

SANTOS, Gilberto Jose dos; MARION, Jose Carlos. **Administração de custos na agropecuária**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS, Gilberto Jose dos; MARION, Jose Carlos; SEGATTI, Sonia. **Administração de custos na agropecuária**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SANVICENTE, Antônio Zoratto. **Administração financeira**. 3. ed. São Paulo: atlas, 1987.

SILVA, Roni Antônio Garcia Da. **Administração rural: Teoria e prática**. 3.ed. Curitiba: Jarúa, 2013.

TEDESCO, João Carlos. **Agricultura familiar realidades e perspectivas**. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2001.